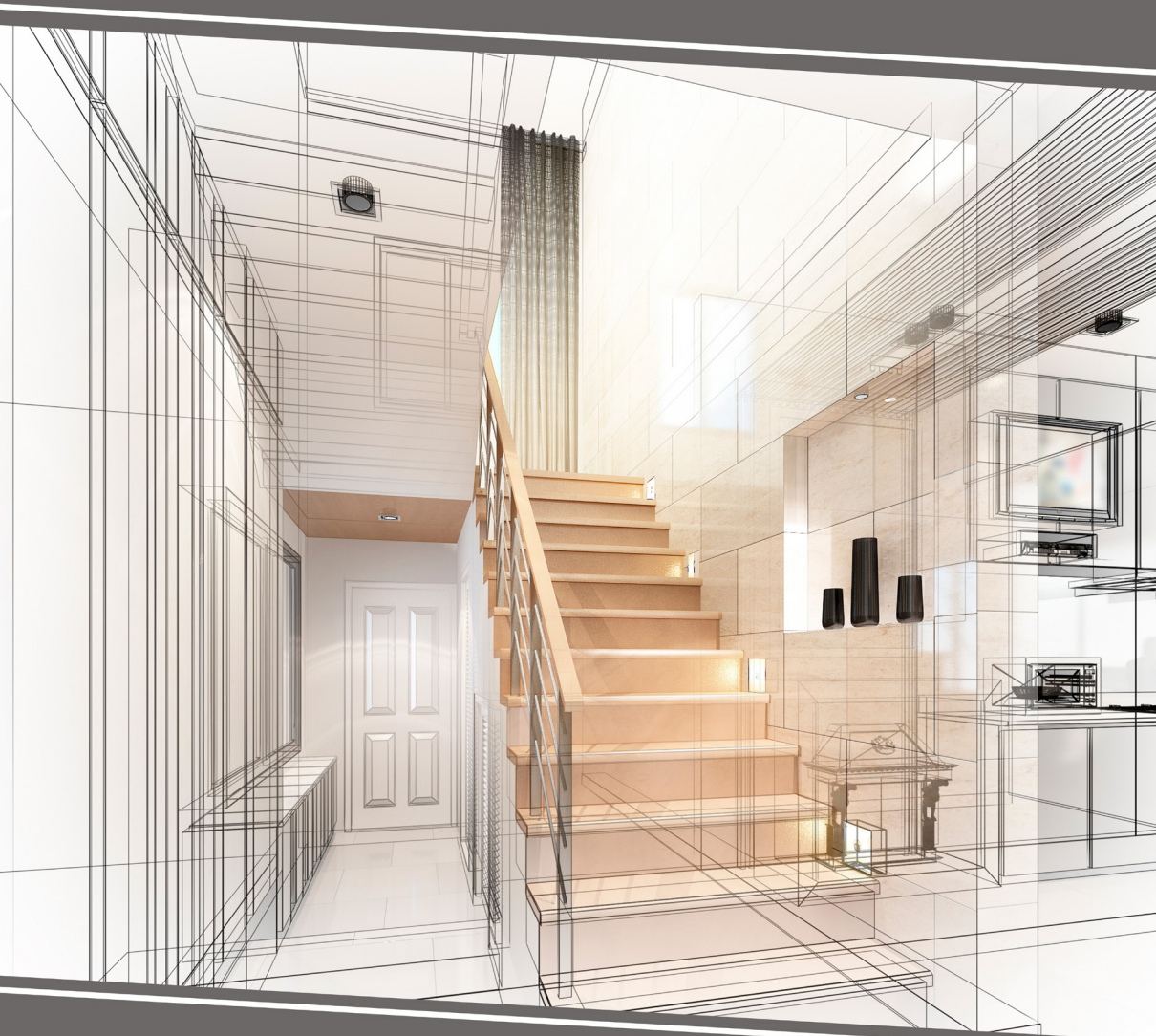


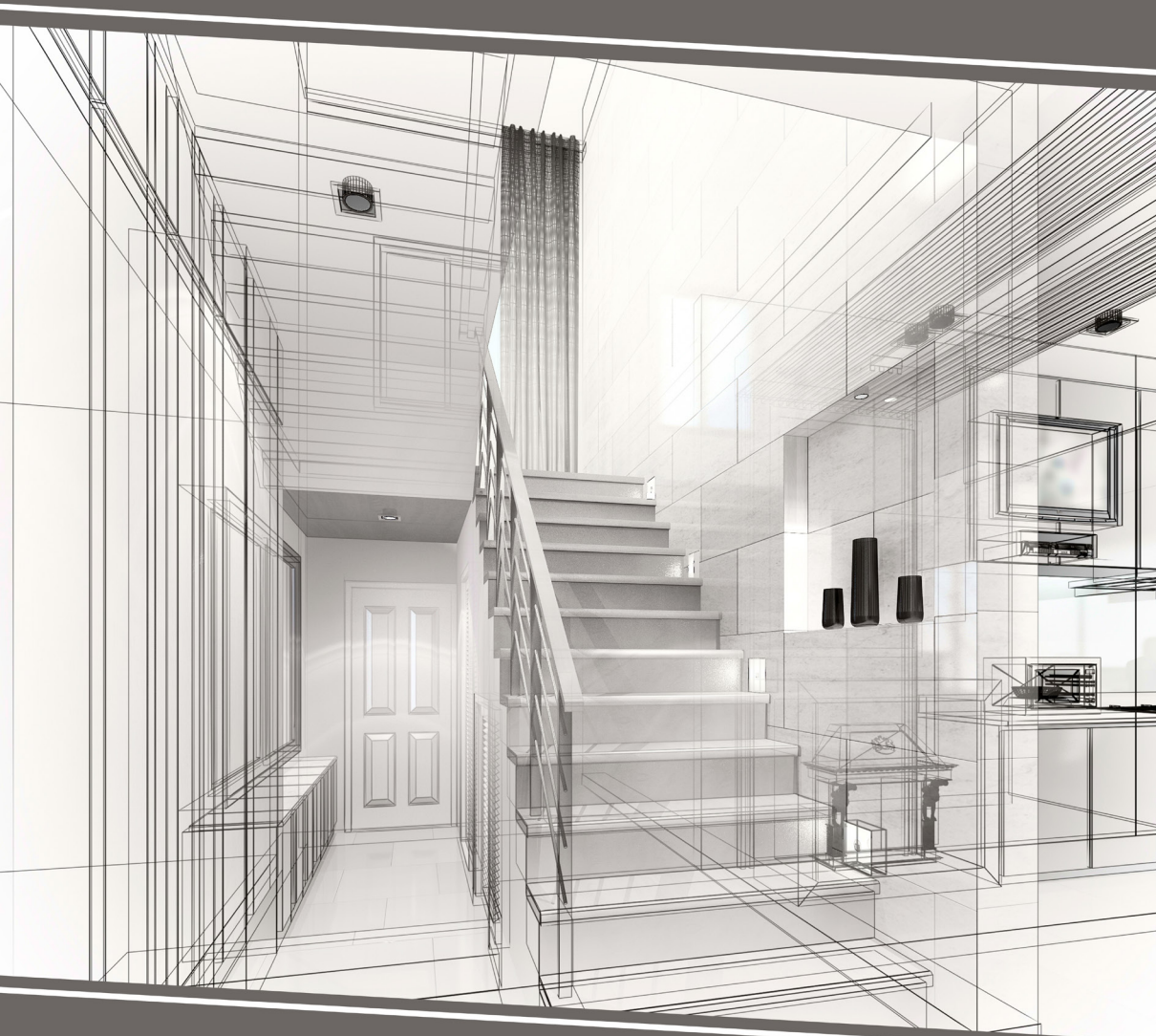
DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS: ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN



Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2021

DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS: ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN



Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adayson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Divergências e convergências: arquitetura, urbanismo e design

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Jeanine Mafra Migliorini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D618 Divergências e convergências: arquitetura, urbanismo e design / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-894-6

DOI 10.22533/at.ed.946211803

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra (Organizadora). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Vivemos em constante transformação, nossas verdades são testadas o tempo todo. A ciência busca as respostas para questões que surgem a cada momento e isso faz o mundo girar, modificar-se em muitos de seus aspectos. A pesquisa científica traz para o universo da arquitetura, do urbanismo e do design novas realidades, discussões teóricas que nos fazem compreender nossa produção passada e para onde estamos caminhando e as discussões acerca da prática nos oferecem novas propostas para a concretização de projetos e planos.

Este livro discute várias dessas questões, oportunizando reflexões que iniciam com a prática docente, o uso de mapas conceituais nas disciplinas de ateliê das faculdades, assim como a neurociência sendo aplicada à essas disciplinas. Pensando ainda na educação aborda-se a educação patrimonial, seguindo pelo tema do patrimônio os artigos tratam de festas tradicionais, os complexos industriais e a arquitetura de uma edificação que abriga um museu.

Trazendo as discussões para questões atuais surge a preocupação com a arquitetura e a urbanização, em tempos de programas sociais que incentivam a construção de habitações de interesse social e seu impacto nas cidades, a análise de mobilidade urbana e as identidades desse urbano.

Os artigos apresentam a sustentabilidade tanto na escala do urbano quanto nas edificações e passa às análises de nossas construções, dentro de sua funcionalidade e de satisfação dos usuários dos espaços. Aborda-se na sequência o processo de projeto e como ele acontece no contexto atual. A arquitetura de Daniel Libeskind é o tema do próximo artigo e finaliza com uma discussão extremamente atual, pertinente e necessária que é a atuação de negros e mulheres no campo da arquitetura e urbanismo.

Os temas são tão variados como é nossa realidade, complexa e diversificada. Esses artigos despertam o interesse para compreender essas constantes transformações vividas cotidianamente.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MAPAS CONCEITUAIS: COMO DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA METODOLOGIA PROJETUAL

Carlos Ademar Monteiro Duarte Filho

Emanuela Cristina Montoni da Silva

Flaviana Nogueira de Lima

Luiz Felipe Oliveira Luna de Farias

Tacyana Cinthya Matos Batista

Vinicius José Lopes Cursino

Victoria Kamille de Castro Almeida

DOI 10.22533/at.ed.9462118031

CAPÍTULO 2..... 10

DESIGN, NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: CENÁRIOS INOVADORES NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE PROJETO

Raíssa da Silva Borges

Rosana Silva Vieira Sbruzzi

DOI 10.22533/at.ed.9462118032

CAPÍTULO 3..... 34

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO PARA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: O CASO DO MONUMENTO DA BALAIADA EM CAXIAS-MA

Neuza Brito de Arêa Leão Melo

Walber Angeline da Silva Neto

Gabriela Jordâna Lima Mota

Ana Karine Lima Pereira

DOI 10.22533/at.ed.9462118033

CAPÍTULO 4..... 43

A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO COMO AMÁLGAMA DA PRODUÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CÓRREGO DAS PEDRAS NO MUNICÍPIO DE TANGARÁ DA SERRA (MT)

José Pereira Filho

DOI 10.22533/at.ed.9462118034

CAPÍTULO 5..... 57

COMPLEXO INDUSTRIAL E PORTUÁRIO DO AÇU: POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Irene Aguiar de Oliveira

Felipe Machado de Castro

José Luís Vianna da Cruz

DOI 10.22533/at.ed.9462118035

CAPÍTULO 6..... 69

MUSEU DOM DIOGO DE SOUZA: INTERPRETAÇÃO ARQUITETÔNICA

Pyetro Brum Ilha

Magali Nocchi Collares Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.9462118036

CAPÍTULO 7..... 72

HABITAÇÃO, URBANIZAÇÃO E DESURBANIZAÇÃO: COMO SERÃO AS CIDADES BRASILEIRAS PÓS MCMV?

Danielle Costa Guimarães

Angela Maria Gordilho Souza

DOI 10.22533/at.ed.9462118037

CAPÍTULO 8..... 79

MOBILIDADE URBANA: UMA ANÁLISE NOS PLANOS DIRETORES DE GOIÂNIA

Luana Chaves Vilarinho

DOI 10.22533/at.ed.9462118038

CAPÍTULO 9..... 94

CIDADE: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Elisabete B. Castanheira

DOI 10.22533/at.ed.9462118039

CAPÍTULO 10..... 113

SUSTENTABILIDADE NA CIDADE: DA RESILIÊNCIA URBANA AO LIXO ZERO

Emília Wanda Rutkowski

Thalita dos Santos Dalbello

DOI 10.22533/at.ed.94621180310

CAPÍTULO 11..... 127

A ARQUITETURA SUSTENTÁVEL NO AMBIENTE CONSTRUÍDO: UMA ANÁLISE DA OBRA DE CARLA JUAÇABA

Pyetro Brum Ilha

Magali Nocchi Collares Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.94621180311

CAPÍTULO 12..... 133

AVALIAÇÃO DA FUNCIONALIDADE ARQUITETÔNICA EM HABITAÇÕES DE DIMENSÕES REDUZIDAS DE FLORIANÓPOLIS

Cláudia Queiroz de Vasconcelos

Fernando Barth

Lisiane Ilha Librelotto

DOI 10.22533/at.ed.94621180312

CAPÍTULO 13..... 145

APRECIÇÃO DA BIBLIOTECA DOM MARCOS A. NORONHA AO PARECER DA SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS

Thayná Moreira Silva

Ana Cláudia Souza Almeida Dias

DOI 10.22533/at.ed.94621180313

CAPÍTULO 14.....	150
DESAFIOS PARA ABORDAGENS BASEADAS EM PROJETO: PROJETISTAS COMO FACILITADORES NO PROJETO PARTICIPATIVO	
Gil Garcia de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.94621180314	
CAPÍTULO 15.....	160
A DESCONSTRUÇÃO DA FORMA POR DANIEL LIBESKIND	
Marco Aurélio Gimenes de Oliveira	
Tháís Pichioni Pellozo	
Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.94621180315	
CAPÍTULO 16.....	178
NEGROS E MULHERES NA ARQUITETURA E URBANISMO	
Franciely Ferreira Cruz	
Giselly Barros Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.94621180316	
SOBRE A ORGANIZADORA	192
ÍNDICE REMISSIVO.....	193

CAPÍTULO 4

A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO COMO AMÁLGAMA DA PRODUÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CÓRREGO DAS PEDRAS NO MUNICÍPIO DE TANGARÁ DA SERRA (MT)

Data de aceite: 01/03/2021

José Pereira Filho

Doutor em Sociologia, Professor Titular da Cadeira de Metodologia e Técnicas de Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma pesquisa de doutorado, tendo como título: “RESISTÊNCIA À EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS DO AGRONEGÓCIO A PARTIR DA PRODUÇÃO DA VIDA MATERIAL E IMATERIAL DOS SITIANTES DA COMUNIDADE CÓRREGO DAS PEDRAS NO MUNICÍPIO DE TANGARÁ DA SERRA (MT)”. Objetivou-se analisar a dinâmica social referente às formas de sobrevivência das famílias que vivem em mini e pequenas propriedades denominadas sítios, espaço de terras férteis, ocupadas no início da década de 60, onde residem e trabalham. A análise tem como foco a produção da vida material e imaterial, em um cenário de resistência ao avanço do agronegócio. Para a presente reflexão, elegemos a festa de São Sebastião, sacra e profana, um dos elementos importantes das tradições da Comunidade Córrego das Pedras, *locus* da pesquisa. A festa se coloca nos processos de resistência em um cenário de expansão do agronegócio no Estado de Mato Grosso e no Município de Tangará da Serra, calcado em concentração de grandes extensões de terras, denominadas latifúndio,

voltadas a monocultura da soja e milho e criação extensiva de gado de corte. Nesse cenário, os(as) sítiantes da comunidade subsistem ao tempo, em suas frações de terras, caracterizadas como mini e pequenas propriedades rurais denominadas sítios, produzindo e reproduzindo uma dinâmica específica de vida e gerando cultura. É um espaço de resistência ao modelo de desenvolvimento proposto para o Estado e região. O desenvolvimento da pesquisa se deu, principalmente, através da historiografia oral, sendo as observações presenciais e as entrevistas os principais instrumentos de geração de dados.

PALAVRAS - CHAVE: Festa; cultura; tradição; resistência.

ABSTRACT: This article is the result of a doctoral research entitled: “RESISTANCE TO THE EXPANSION OF THE FRONTIERS OF AGRIBUSINESS FROM THE PRODUCTION OF MATERIAL AND IMMATERIAL LIFE OF THE SMALL FARMERS FROM CÓRREGO DAS PEDRAS COMMUNITY LOCATED IN TANGARÁ DA SERRA (MT) CITY”. Our objective was to analyze the social dynamics regarding the forms of survival of the families who live in mini and small properties called *sítios*, a space of fertile land, occupied in the early 1960s, where they live and work. The analysis focuses on the production of material and immaterial life, in a scenario of resistance to the advances of agribusiness. For this reflection, we have chosen a sacred and profane feast called “Festa de São Sebastião”, one of the most important elements of the *Córrego das Pedras* Community traditions, the locus of the

research. The feast takes place in the resistance processes in a scenario of expansion in Mato Grosso state, and in the region of Tangará da Serra city, based on a concentration of large tracts of land, called agricultural latifundium, aimed at monoculture of soybean and corn and extensive beef cattle breeding. In this scenario, the small farmers of the community subsist over time, in their fractions of land, characterized as mini and small rural properties called *sítios*, producing and reproducing a specific dynamics of life and generating culture. It is a space of resistance to the development model proposed for the State and region. The research was developed mainly through oral historiography, with face-to-face observations and interviews as the main data generation tools.

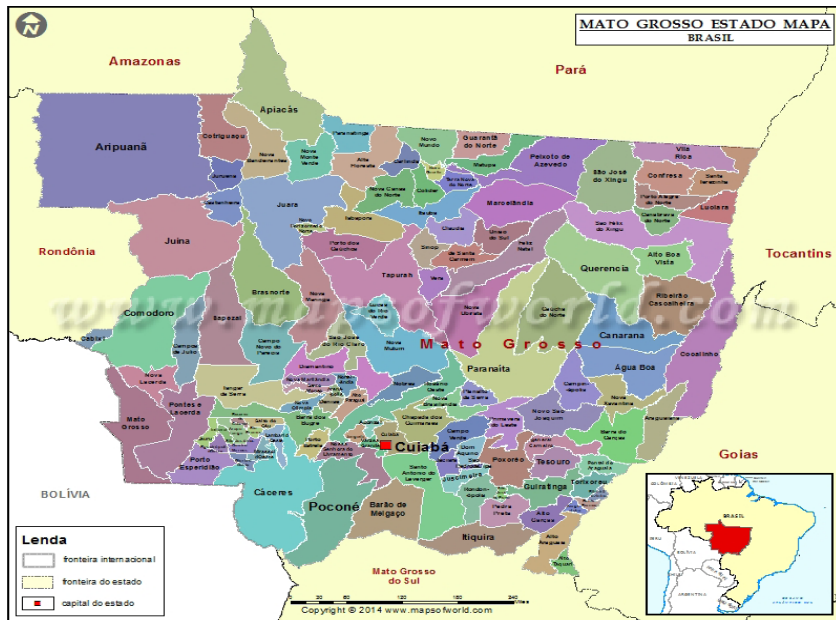
KEYWORDS: Feast; Culture; Tradition; Resistance.

1 | INTRODUÇÃO

O processo de colonização do Município de Tangará da Serra situado no sudoeste do Estado de Mato Grosso iniciou-se nos finais da década de 1950 tendo como uma das características principais a existência de minis, pequenas e médias propriedades rurais denominadas sítios, com a consequente formação de inúmeras comunidades rurais. Esse espaço se tornou referência da vida coletiva das famílias do campo, existindo, ainda hoje, significativo remanescente de comunidades rurais.

A Comunidade Córrego das Pedras, situada a 12 km do eixo central da cidade, constitui-se em uma das primeiras ocupações rurais, iniciada no início da década de 60, precisamente no ano de 1964, quando para lá migrou um grupo de mineiros, paulistas e paranaenses, em busca de melhores condições de vida.

Trata-se de um *locus* que preserva parte da população remanescente do processo migratório inicial e, que, ao longo do tempo, produziu relações de vida material e imaterial que incluem: a tradicional festa de São Sebastião, com culinária advinda da tradição mineira e paulista; celebrações religiosas; variada produção agrícola, pecuária leiteira e de corte e hortifrutigranjeiros. Grande parte dessa produção é comercializada na feira-do-produtor Rural (às quartas-feiras e domingo) na cidade de Tangará da Serra.



www.google.com.br/mapadetangarádaserra. Acessado em: 24 nov.2016.

Houve então, de nossa parte, a preocupação em analisar a forma de permanência dessas famílias em suas propriedades, produzindo vida material e imaterial, em um contexto permeado pelas grandes fazendas e atividades de produção do agronegócio. O período analisado compreende desde a implantação do loteamento rural e urbano em Tangará da Serra, a partir do ano de 1959, até o ano em curso.

Para o desenvolvimento do trabalho utilizamos a historiografia oral com realização de entrevistas com os(as) sítiantes, conhecedores do processo de ocupação das terras da Comunidade Córrego das Pedras e da trajetória da vida comunitária. Através da observação em campo, acompanhamos o cotidiano da vida coletiva e individual das famílias, com o propósito de compreender como se dão as relações no âmbito da comunidade, com foco na produção da vida material e imaterial. Utilizamos também de procedimentos quantitativos, aplicando um questionário com o propósito de caracterizar a realidade das famílias em suas propriedades.



Fonte: www.google.com.br/mapadetangarádaserra. Acessado em: 24 nov. 2016.

Conforme fontes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Município de Tangará da Serra localiza-se no bioma Cerrado e Amazônia, com área de 11.323,685 km², com população estimada de 96.932 habitantes para o ano de 2016, sendo que 52,2020%, correspondente a 5.911,185 km² de seu território é formado por reservas indígenas da “Etnia Paresi”¹, devidamente demarcadas, conformando com a existência de significativo quantitativo de minis, pequenas e médias propriedades rurais.

Dados de 2010 de IBGE permitem perceber a forte presença das minis, pequenas e médias propriedades no Município de Tangará da Serra, conforme demonstra quadro abaixo:

Área	Número	Área dos
	estab.	estab.
	Unidades	Hectares
Até 10 ha	284	1.061
De 10 a menos de 20 ha	139	1.916
De 20 a menos de 50 ha	721	24.120
De 50 a menos de 100 ha	104	7.009
De 100 a menos de 200 ha	63	8.361
De 200 a menos de 500 ha	61	19.496
De 500 a menos de 1000 ha	46	33.011
De 1000 a menos de 2500 ha	34	53.525
De 2500 ha e mais	30	241.103
Produtor sem área	2	ND
Total	1.484	389.602

Fonte: IBGE

Acessado em: 24 nov. 2016.

¹ Paresi ou Parecis – Nome dado pelos brancos para identificar a Etnia “Haliti”, que significa povo. O Município de Tangará da Serra tem 52,2020% de seu território de terras indígenas da Etnia Haliti ou Paresi, distribuídos em quatro polígonos distintos, sendo que um polígono está localizado nas confrontações com o Município de Barra do Bugres, estando parte do polígono localizado no Município de Tangará da Serra e parte no Município de Barra do Bugres.

Nesse contexto, a presente reflexão analisou a festa de São Sebastião como uma das estratégias para solidificar as relações de solidariedade e permanência na terra. Relações que se caracterizam como formas de resistência frente ao avanço do agronegócio da soja e pecuária na região.

2 | A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO COMO AMÁLGAMA DA PRODUÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CÓRREGO DAS PEDRAS NO MUNICÍPIO DE TANGARÁ DA SERRA(MT)

Nossa abordagem está ancorada nas referências teóricas que permeiam as discussões sobre a temática abordada e nas nossas vivências na Comunidade Córrego das Pedras.

A festa de São Sebastião é importante elemento constituinte da cultura da comunidade, fazendo parte das tradições, invocando a culinária, as manifestações religiosas, o reencontro campo x cidade e os bate papo, mantenedores(as) da vida comunitária.

A culinária se constitui de forma particular em um tempero para a festa, expressando as origens e tradições dos(as) sítiantes, tendo por base a tradição do “caipira”, narrado por CANDIDO (1982), predominante nos hábitos alimentares dos migrantes mineiros e paulistas. Constitui-se em um componente agregador que, ao longo dos anos, manteve-se na vida individual e coletiva da comunidade, tomando vida própria, sendo um dos principais atrativos da festa. A culinária “caipira” (mineira e paulista) da Comunidade Córrego das Pedras é famosa, repercutindo no cenário da festa. Muitas pessoas vão para a festa, também em função da culinária, sendo sua expressão muito bem retratado por Lucena (2008, p. 69):

A comida de um grupo não pode ser associada exclusivamente às necessidades primárias, implica também uma forma de ser, um modo de vida, uma maneira de se relacionar social e culturalmente. É o resultado de um processo histórico que articula elementos selecionados na tradição, atualizados através do tempo, na inventiva de criar algo singular.

A culinária da Comunidade Córrego das Pedras acaba por se constituir em um diferenciador e um identificador da comunidade. A culinária – baseada na tradição caipira mineira e paulista - reforça a solidariedade interna dos membros da comunidade e também é um atrativo para as pessoas da cidade que participam da festa. Percebe-se que a comida, do ponto de vista objetivo, abranda ou mata a fome; e do ponto de vista subjetivo, se constitui em um mecanismo agregador, significativo na construção dos laços de solidariedade, criando um sentimento de pertença. A identidade caipira presente na culinária é motivo de orgulho para o sítiante, delineando um estilo de vida, ou seja, a vida do sítiante, sujeito sagaz, percebido nas músicas, no traje e na própria culinária.

A comida “caipira” é transplantado para a festa, extrapolando os limites de uma alimentação voltada a matar a fome para ser o tempero da festa.

Compõem-se assim, conforme Lucena (2008), em instrumento de valorização da cultura, e uma forma de salvaguardá-la, por meio da criação de uma identidade. No caso da Comunidade Córrego das Pedras, a culinária é um instrumento identificador da comunidade. Configura-se então em uma tradição que, sobrevive ao tempo e à modernidade, presente na memória e no cotidiano da vida dos sujeitos, das famílias e da comunidade. É memória individual e coletiva que tratamos como um elemento de resistência cultural.

Assim, utiliza-se o conceito de tradição como ferramenta para o entendimento das formas de resistência cultural: para Williams (1979, p. 158-159), tradição não é algo inerte, repetitivo. Ao contrário, é um segmento historicizado. Esse instrumental teórico permitirá a incorporação de reflexões de outros estudiosos, que privilegiaram os elementos culturais como cimento das relações sociais e não meramente como reflexos da base econômica. THOMPSON, E. P. (2016), Pierre BOURDIEU, Pierre (2008) e, entre os estudiosos brasileiros, CANDIDO, Antonio (1982), QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (1988), SIMSON, Olga R. de Moraes Von (1988/91), LUCENA, Célia Toledo (2008), dentre outros, nos permitirão compreender a festa e seus recheios como *locus* da cultura e também como prática de resistência.

A realização da festa constitui-se em um ponto importante para a compreensão das relações e também das práticas culturais. Ao analisar o termo cultura, Gullar (1992) aponta para a relação da cultura com os significados de *colo* e *cultus*, que na língua de Roma significa eu moro, eu ocupo a terra e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo, sendo o *colonus* o que cultiva a terra. Já *cultus* atribuía-se ao campo que já fora plantado por gerações sucessivas, sugestionando sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento tem memória. Assim, a partir do ponto de vista de Gullar (1992), poder-se-á definir cultura, numa perspectiva mais geral, como o conjunto de práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social.

Sem apontar para o fechamento de um conceito, podemos entender cultura como um processo que se produz e se desenvolve nas relações de produção da vida material. Os espaços de produção da vida material são plurais, do ponto de vista da concepção de mundo e das práticas sociais que os permeiam; são espaços de conflitos e contradições que fazem parte de um contexto social maior, que dele sofre influências e também influi, que coloca a cultura como um espaço de resistência.

Importa ressaltar, que conforme aponta Sahlins (1997), a “cultura” não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto preocupação fundamental de todas as ciências humanas, nesse caso particular, da sociologia, não podendo ser abandonada sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humana por meios simbólicos. Argumenta Sahlins (1997), que a ordenação (e desordenação) do mundo em termos simbólicos, que ele qualifica como cultura, é a capacidade singular da espécie humana que se dá a partir do contexto das

relações sociais estabelecidas. Assim, a produção da vida imaterial está no âmago da produção e reprodução da vida, em seus distintos aspectos, objetivos e subjetivos.

Em suma, o que se verifica é que a “cultura de resistência” é uma negação do pensamento totalizador presente na modernidade. Os(as) sitiantes da Comunidade Córrego das Pedras se mantiveram em suas terras, apesar das tentações do deslocamento para a cidade (resistiram à pressão e as chantagens de mercado); permanecem em suas propriedades, estando já na terceira geração, para trabalhar na roça; reproduzem experiências culinárias de suas origens, caipiras de Minas Gerais, São Paulo e Paraná; mantém as relações comunitárias e os rituais messiânicos e de festas típicas da roça; reinventaram formas de produção, com base em produtos típicos da região e de suas origens (frango caipira, queijo minas, quiabo, jiló, milho verde, abóboras, entrecruzado com frutas e outras variedades de legumes). Enfim, teimosamente resistem à perspectiva totalizadora, usando em muitos momentos os elementos da modernidade, como maquinarias e a atividade de comércio. A festa constitui-se em uma amálgama dessa resistência.

A festa de São Sebastião ocorre no mês de setembro de cada ano. Trata-se de um evento tradicional da comunidade, que se constitui num ponto importante para a compreensão das relações e também das práticas culturais. Todo o processo que se desenvolve em torno da “festa” é muito relevante no contexto da vida individual e coletiva da comunidade, período de intensas vivências coletivas, que se dá desde a sua anúncio, preparo e realização.

O Cardápio é caipira, da roça como diz o ditado: carne de porco frita e conservada na lata, tutu de feijão à moda mineira, torresmo ou pururuca, arroz, frango caipira frito, frango caipira ao molho, frango caipira ao molho com quiabo, farofa de torresmo, mandioca, angu, couve refogada e salada (tomate com alface). Traços da tradição culinária do “caipira mineiro”², sinalizando para a ascendência de aspectos da cultura mineira nas relações estabelecidas na comunidade. Após a celebração religiosa do dia 13 de agosto de 2016 no período da noite foi feito o lançamento da festa com todos os informes referente à mesma e o convite para o envolvimento de todos e todas.

A festa envolve muito dispêndio de trabalho coletivo. Algumas pessoas vão pedir prendas (frangos, porcos e novilhas), pois os sitiantes tradicionalmente contribuem com doações de prendas; definem-se as datas para os trabalhos da organização da infraestrutura da festa, matança e preparo de frangos e de porcos, preparo de doces e bolos, entre outros afazeres. O trabalho com as aves fica a cargo das mulheres e o dos suínos, sob a responsabilidade dos homens (matança, limpeza e corte) e mulheres (fritura e enlatamento). As aves limpas são acondicionadas em freezers para preparo no dia que antecede a festa e durante a mesma. Já a carne suína, após o abate e limpeza, é fritada e

2 Segundo Candido (1982) o “caipira” é fruto de uma composição racial tipicamente brasileira de Bandeirantes e indígenas, com características culturais específicas. No nosso caso, fazemos a distinção somente para fins de distinguir a migração para a Comunidade Córrego das Pedras dos grupos de Minas Gerais e de São Paulo, que apresentam, em muitos aspectos, características sociais e culturais semelhantes, por serem “caipiras”.

aconditionada em latas com a banha de porco, bem ao estilo mineiro. Conheço bem esse procedimento, pois na infância meu pai criava, abatia, fritava e enlatava o porco. Era a principal carne para consumo da família.

A produção da comida se transforma em uma celebração iniciando com arrecadação das prendas e a preparação. Todo o trabalho é feito coletivamente.

É chegada o dia da festa, dia 25 de agosto de 2016, domingo no almoço, quase tudo pronto, exceto o arroz, o quiabo, a couve refogada, a farofa, o angu e a salada, que são preparados no dia. Cozinha é tarefa feminina, a arrumação do cenário da festa é trabalho masculino. Muita expectativa e ansiedade. Mulheres e homens da comunidade já estão presentes. As mulheres na cozinha e homens na arrumação do espaço da festa (mesas, cadeiras, bar e outros trabalhos)³. Às 10h30min começa a chegar os convidados. Chegam cedo, querem conversar e ouvir a música caipira. Ouvi as pessoas da cidade dizendo que gostam muito da festa, por isso chegam cedo. Momento de rever e reviver amizades, compadres e comadres. É momento oportuno para o bate-papo. Interessante que várias pessoas que já moraram na comunidade e se deslocaram para a cidade, retornam à comunidade. Às 11h30min serve-se o almoço, como diz o sitiante, um mundaréu de gente. Todos serão servidos e bem servidos. A comida, tradicionalmente conhecida como “à moda mineira” é farta e deliciosa.

Depois do almoço, sentei em uma mesa onde estava presente a Professora Aposentada Luzinete (para a comunidade, a “Nenzinha”), suas duas filhas e um neto. Comecei a conversar com a Professora e observei que suas filhas estavam chorando. Fiquei constrangido, pois poderia ser problemas de relacionamento familiar. Contou-me a Professora que é lembrança do passado. As meninas tinham vivido a infância ali.

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2004, p. 46/47).

A memória trouxe a lembrança do passado, de um passado agora (re)significado no presente, a partir do reencontro com a comunidade.

Para Halbwachs (2015), a memória é uma construção coletiva, o que faz sentido, pois a construção social do sujeito se dá em um contexto relacional, a partir da dimensão coletiva de suas experiências vividas, sendo o sujeito o portador dessa construção coletiva, que são as vivências sociais. A memória é algo vivido, que permanece no indivíduo: são quadros sociais constituídos pelas vivências individuais e coletivas, tendo pontos de

3 Há uma nítida divisão sexual do trabalho na festa. As tarefas femininas e masculinas se apresentam como naturalizadas. Nos limites deste texto não há espaço para aprofundarmos esta reflexão. No entanto, há outras referências de estudos de casos semelhantes, onde esta divisão dos papéis sexuais é similar.

referência que são relatados pelos indivíduos, experiências essas construídas na relação com outros indivíduos, portanto, uma construção social, que coloca o indivíduo na condição de narrador.

As lembranças da Professora e suas filhas das experiências de vida produzidas em tempo passado evidenciam o caráter coletivo da memória, memória despertada em momento presente de vida comunitária na “Festa de São Sebastião”, anualmente realizada na comunidade, a partir das experiências e lembranças individuais de cada uma delas. É também memória individual.

Mas o que mais motiva o pesquisador é o fato de lidar com memórias individuais que focalizam sempre fenômenos sociais e são reconstruídas com os olhos do presente. Tal material de pesquisa além de fornecer uma quantidade significativa de informações de caráter histórico-sociológico introduz também com frequência, na própria construção dos depoimentos, o fator da emoção que enriquece e matiza o ato de pesquisar. (POLLAK, 1989, p. 56).

Trata-se de uma necessária relação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, com o propósito de compreender as relações sociais por meio do diálogo e escutas das histórias de vida e experiência singulares. É um exercício de memória individual e coletiva que, circunda a comunidade e que necessita de uma proximidade com o contexto e com as pessoas, para compreender e dar vida à vida que lá se viveu e vive.

A memória, individual e coletiva constitui-se em um processo de interação com a vida das pessoas e da comunidade, com suas experiências de vida, que são elementos da cultura. Estamos nos interagindo também com as subjetividades dos indivíduos, as experiências e sentimentos que ele traz consigo, suas vivências individuais e coletivas, componentes da sua trajetória de vida e de sua construção social como sujeito, transcendente à sua existência material. São os elementos de subjetividade que fazem parte do cotidiano das relações sociais estabelecidas.

As experiências passadas contribuem para a construção das tradições, hábitos e costumes, que acabam por determinar um modo de vida, reificadas na cultura e no cotidiano da vida individual e coletiva dos sujeitos, em permanente ebulição com a modernidade. Importa ressaltar tratar-se de experiências do presente, conectadas com o passado, passado compreendido como uma reconstrução do presente, constituindo uma unidade temporal, um tempo social passado, reificado no presente. Conforme acentua Halbwachs (2015), uma representação coletiva de tempo, que brota do ser individual. Um tempo que é o que é, “nem rápido demais nem lento demais” (HALBWACHS, 2015, p. 145), que pode ser às vezes sentido com mais rapidez no calor da vida urbana, e às vezes, mais lento no cotidiano da vida do campo, mas que é o mesmo tempo. São tempos sociais, que “mais ou menos vastos, permitem que a memória retroceda mais ou menos longe no que se convencionou chamar de passado” (HALBWACHS, 2015, p. 145), um passado que não é

fixo que exige um esforço de reconstrução à luz da memória dos sujeitos da pesquisa e da interpretação do pesquisador, mediado pelas relações estabelecidas pelo presente, com suas objetividades e subjetividades.

Halbwachs (2015) refere-se ao passado, ao presente e ao futuro, como uma relação temporal fluída, em que às vezes o passado está no tempo presente, sendo a memória o caminho de conexão entre passado e presente e vice-versa.

Os sítiantes da Comunidade Córrego das Pedras são donos do seu tempo, um tempo desconectado do tempo mecânico do relógio, onde o cantar do galo (tradicional nas comunidades rurais) dá o tom do início da jornada diária de trabalho na labuta diária para produção da vida material. A dinâmica da vida do sítiante escapa da dinâmica mecânica do relógio dos tempos modernos, estando o tempo mecânico desconectado do tempo social necessário para a dinâmica da vida individual e coletiva. O(a) sítiante, que não anda sob os olhares do relógio, pauta sua jornada de vida individual e coletiva a partir da realidade de suas vidas e de suas necessidades. Assim, podem preparar a festa, ir para os eventos da comunidade (reuniões, celebrações e jornadas de trabalho coletivo), plantar e colher e outras atividades exigidas pelas relações sociais estabelecidas. Eles e elas têm marcadores sociais próprios que possibilitam formatar suas vidas sociais a partir da dinâmica de vida da comunidade, um tempo social que se relaciona com as determinantes biológicas e emocionais, que, em grande medida, são marcadores da memória individual e coletiva. Os sítiantes são donos de seu tempo.

A busca da compreensão das relações estabelecidas na Comunidade Córrego as Pedras, e dos processos de existência e de resistência, tem se dado a partir da história oral, focando as trajetórias e as memórias dos sujeitos. Entendendo a memória como um elemento constituinte da identidade, permeada pelo contexto da realidade da Comunidade Córrego das Pedras, portanto, uma memória coletiva, perpassada pela pluralidade e complexidade das relações sociais estabelecidas.

A Comunidade Córrego das Pedras no processo de construção da vida material e imaterial é um espaço de convivência perpassada pelos laços afetivos e sentimentais, que, em última instância, interferem em muito na produção da vida imaterial, reproduzindo, criando e recriando cultura. Entender-se-á, que nesse caminho, a “tradicional festa de São Sebastião, realizada pela comunidade”, é um momento particular de solidificação de uma solidariedade e de estreitamento de relações, importante na dinâmica da vida coletiva.

O processo de ocupação das terras na Comunidade Córrego das Pedras ocorreu por meio de relações não conflituosas, visto que os primeiros ocupantes adquiriram suas terras, por meio de troca por serviços de derrubadas e implantação de lavouras, ou através de compra direta. Assim, há mais de seis décadas, o processo de resistência vem ocorrendo frente aos latifundiários ali estabelecidos.

Scott (2002, p. 25) define como resistência, situações cotidianas que sejam: “(a) organizada, sistemática e cooperativa; (b) baseadas em princípios ou egoístas; (c) eficazes

em termos de consequências revolucionárias e/ou (d) englobadoras de ideias ou intenções que negas as bases da dominação”.

A realidade da Comunidade Córrego das Pedras pode constituir-se em uma forma de resistência contemporânea, conformando com o item “d” acima, construída ao longo do processo histórico, na trajetória de conquista e permanência na terra pelos(as) sitiantes, formas essas, refirmadas por Scott, (2002, p. 27):

[...] quando tais atos são raros e isolados, eles são de pouco interesse, mas no momento em que eles se tornam um padrão consistente, embora não coordenado, estamos lidando com resistência. [...] A obstinação e força de tal resistência decorrem diretamente do fato de que ela é firmemente enraizada na luta material vivenciada e partilhada por uma classe.

Estamos fazendo referência a uma resistência cotidiana porque ela só se explica no cotidiano.

Assim, a constituição identitária dos sujeitos da Comunidade Córrego das Pedras foi forjada na dinâmica de ocupação e permanência em suas propriedades, portanto, no processo histórico de resistir e de produzir a existência naquele contexto.

Esse processo gerou o(a) “sitiente”, possuidor de sua porção de terra, onde habita e produz vida material, produzindo e reproduzindo vida imaterial. O termo “sitiente” se constitui assim, em uma palavra identificadora dos homens e mulheres daquela localidade. Constitui-se em uma construção identitária que expressa o conjunto das relações sociais e do modo de vida dos moradores e moradoras da Comunidade Córrego das Pedras.

Trata-se de uma identidade forjada no cotidiano, no processo de relações sociais construídas e vividas, conjuminando elementos da modernidade e da tradição, em um cenário de tensão inerente a essa dualidade.

Modernidade que acelera a dinâmica de vida, propondo um mundo de relações sociais volátil, efêmeras e dinâmicas, demolidora de tradições e hábitos, que coloca a vida em uma constante provisoriedade e precariedade.

O mundo moderno é um mundo em disparada: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistente são maiores. (GIDDENS, 2002, p. 22).

Tal premissa contrasta com a tradição e com o *habitus*, apontando para uma relação de conflito entre o tradicional e o moderno.

Se de um lado a modernidade determina profundas transformações no mundo do trabalho, estabelecendo relações multifacetadas que compõem a dinâmica das relações sociais contemporâneas, marcadores de construções identitárias; por outro lado, a realidade do campo é permeada pelos elementos da tradição, presentes no cotidiano da vida dos sitiantes: na culinária, nas manifestações religiosas, nas festas tradicionais, nos hábitos e costumes de vida comunitária, que acabam por interferir na construção de uma

unidade identitária para os (as) sujeitos da Comunidade Córrego das Pedras, designada pela palavra “sitiantes”, identificador dos homens e mulheres daquela localidade. Trata-se de uma construção identitária que expressa o conjunto das relações sociais e do modo de vida daquela comunidade.

Nesse paradoxo entre a “tradição” e o “moderno”, importa ressaltar o conceito de *habitus* de Bourdieu (2008), como um princípio gerador e unificador de práticas que retraduzem características de um estilo de vida do campo fundadas em grande medida na tradição, permeados pelas tensões da modernidade. Para Bourdieu (2008, p. 22), “os hábitos são princípios geradores de práticas distintas e distintivas”, fazendo com que as práticas de vida sejam mantidas, criadas e recriadas.

Considerando a dinâmica de vida dos (as) sitiantes, pode-se inferir que as tradições e os hábitos, constituintes das experiências de vida e da cultura dos sujeitos, acabam por definir o processo de resistência cotidiana, decisivo na continuidade da existência da comunidade e da permanência dos (as) sitiantes em suas terras.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise proposta levou-nos a aprofundar discussões em torno das relações sociais no contexto da Comunidade Córrego das Pedras, a partir de nossas vivências no cotidiano da comunidade e de categorias teóricas de análise, como cultura, tradição, memória e resistência, que permeiam nossa pesquisa em andamento, conforme demonstrado. A festa de São Sebastião pode ser considerada como nucleadora da vida comunitária, de expressão cultural.

Assim, em um primeiro momento, procuramos evidenciar conceitos como o de cultura, tradição e experiência, por entender que estão imbricados no processo de compreensão da dinâmica da vida social da comunidade, e, particularmente, em relação à festa de São Sebastião, vista como uma manifestação cultural, componente da tradição.

Posteriormente, avançamos na discussão do conceito de memória, entrelaçado com o contexto da vida comunitária e da produção da vida material, ancorado em Halbwachs, por constituir-se em uma categoria chave no sentido da compreensão das relações historicamente estabelecidas na comunidade e as repercussões no cotidiano da vida presente. Memória entendida como uma construção coletiva, a partir das experiências vividas na comunidade e reificadas na dimensão individual e coletiva (na) vida dos(as) sitiantes, corroborando no processo de resistência, no tocante à produção e reprodução da vida material e imaterial no âmbito da comunidade.

A dinâmica de vida construída pelos(as) sitiantes, permeada pela modernidade e pela tradição, dinâmica essa recriada pela memória, tem, em grande medida, alicerçado a permanência dos(as) sitiantes em suas porções de terras, em um cenário local e regional de avanço do capital. Constituído-se, assim, em resistência, categoria relevante, também

apontada em nossas reflexões.

Nesse sentido, a festa de São Sebastião, memória viva na e da comunidade, expressando cultura e tradição, constitui-se em amálgama do processo de permanência das famílias em suas porções de terras, gerando vida (já há (?) três gerações) e reproduzindo e produzindo cultura, portanto, um espaço de resistência.

A partir das entrevistas e observações realizadas foi possível analisar as trajetórias de vida dos primeiros moradores da comunidade, caipiras de Minas Gerais e São Paulo. As informações obtidas foram essenciais à compreensão da culinária, coincidindo em muito com hábitos e costumes do caipira, narrado por Antônio Candido (1982) e sua importância, pois tanto a culinária enquanto componente da festa e a própria festa, são fatores de identidade cultural da comunidade. A festa é mais que a festa. É o encontro das pessoas com as pessoas e com o passado. A festa é, portanto, o reencontro dos que partiram e dos que ficaram. É o momento da (re)união de tempos e de espaços, pois, muitos dos que partiram vivem em centros urbanos.

Em suma, a festa expressa o sentimento de comunidade, fortalecendo relações, mantendo e produzindo cultura, fazendo parte da vida e da alma dos sujeitos que viveram e vivem na Comunidade Córrego das Pedras: comida, música caipira, dança, bate-papo, encontro e reencontros se constituem em temperos da festa. Trata-se de um importante patrimônio cultural da Comunidade Córrego das Pedras, que a pesquisa tem a obrigação de abordá-la como uma das temáticas centrais do seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: SCHWARCZ, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 9. ed. São Paulo: Papius, 2008.

CANDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Tradução: Plínio Denzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GULLAR, Ferreira. Colônia, Culto e Cultura. In: BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Letras, 1992.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2015.

LUCENA, Célia Toledo. Saberes e sabores do país de origem como forma de integração. Cadernos CERU, São Paulo: [s.n.], série 2, v. 19, n.1, 2008. p. 65-80.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos históricos: memória. Rio de Janeiro: SPDOC/Vértice, v. 2, n. 3, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. Experimentos com história de vida. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-41.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). Rio de Janeiro: Mana.. v.3, n. 1.. Abr. de 1997. p. 41 – 73.

SCOTT, James C. Formas cotidianas da resistência camponesa. Tradução: Marilda A. de Menezes e Lemuel Guerra. Raízes, Campina Grande; v. 21, n. 01, p. 10-31, jan.– jun. 2002.

SIMSON, Olga de Moraes Von. Experimentos com história de vida. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-41.

_____. Folgado carnavalesco, memória e identidade sócio-cultural. Revista Interdisciplinar de Cultura. São Paulo: Papiru, n. 03, p. 53 -60, 1991.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução: Rosaura Eichemberg. 9. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Avaliação pós-ocupação 145, 146, 147, 149

B

Biblioteca 7, 145, 146, 147, 148, 149

C

Co-design 150, 151, 155

Competências de Projeto 150

Complexo Portuário 57, 60, 61, 62, 63, 66

D

Design de interiores 10, 11, 15, 16

Design Estratégico 150

Design Thinking 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158

E

Ecletismo historicista 69

Educação Patrimonial 6, 34, 35, 36, 37, 41, 42

Estudantes negros 178, 179, 181, 183, 187, 189

F

Festa 6, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 106

Formalismo 160, 162

Fragmentação 66, 68, 94, 160, 161

Funcionalidade Arquitetônica 7, 133, 134, 136, 138, 139, 140, 141, 143

G

Goiânia 7, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

H

Habitação Reduzida 133

Habitação social 72, 73, 77, 112

I

Iniciativas Bottom Up 94

Inovação Não Tecnológica 94

Inovação Social 94, 151

Interpretação Arquitetônica 6, 69

M

Macapá 72, 75, 76, 77, 78

Mapas Conceituais 5, 6, 1, 2, 3, 8, 9

Maranhão 34, 35, 36, 38, 41, 42

MCMV 7, 72, 77

Mirante da Balaiada 34

Mobilidade Urbana 5, 7, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulheres na Arquitetura e Urbanismo 179

Museu Dom Diogo de Souza 6, 69, 70, 71

N

Negros na Arquitetura e Urbanismo 179

Neurociência 5, 6, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 23, 25, 29, 30, 32

Neuroeducação 10, 15, 16, 22

P

Patrimônio 5, 6, 23, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 55, 69, 121, 172

Plano Diretor 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 102, 144

Política pública 72

Porto do Açu 57, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68

Potencial Econômico 57, 59, 66

Práticas Criativas 94, 111

Projeto Participativo 8, 150, 155, 156

Projetos arquitetônicos 1, 2, 75, 128, 192

R

Redes Técnicas 113, 120, 121, 123, 125

Revolta da Balaiada 34, 41

S

Serviços Ambientais Urbanos 113, 120, 123

Sustentabilidade 5, 7, 75, 87, 88, 89, 90, 91, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 160, 166

T

Territorialidades 113, 122

Tradição 22, 43, 44, 47, 48, 49, 53, 54, 55, 75, 160, 161, 168, 171

U

Urbanismo Tático 94, 96, 107

Urbanização 5, 7, 72, 73, 74, 78, 80, 85, 116, 117

V

Vernacular 127, 128, 130, 132

DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS:

ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS:

ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021